Miss Minas

Quem disse que não se pode ter uma prótese e uma coroa

É em 1992 que Agusta perde a perna numa mina. Só em 2000 conseguiu pôr uma prótese, que já se gastou. Anteontem à noite, em Luanda, foi coroada Miss Sobrevivente de Minas Terrestres 2008. Agora, vai ter uma prótese norueguesa

KAMEN TRACA

Alexandra Prado Coelho

Não conseguia chegar até à escola. Ainda tentou, mas as canadianas feriam-lhe os braços, não conseguia carregar os livros, a chuva fazia-a atrasar-se e o desespero apoderava-se dela. Foi por isso que a angolana Agusta Úrica parou de estudar durante três anos depois de uma mina lhe ter roubado parte de uma perna. Tinha doze anos, vivia no meio da guerra e a vida dela parou. Agora, aos 31 anos, acaba de ser coroada em Luanda Miss Sobrevivente de Minas Terrestres 2008.

"Nunca imaginei", disse ontem numa conversa telefónica com o P2 a partir de Luanda, "mas agradeço muito a iniciativa. É um projecto que mostra que os deficientes são alguém na sociedade. Somos reconhecidas". Depois da cerimónia de coroação, na quarta-feira à noite, ontem era dia de entrevistas e de Agusta repetir a sua história. Era menina e vivia na província angolana do Bié. "Na altura [1992] havia muita guerra mesmo. Mas a população tinha aquela tendência para sair de casa e ir procurar comida e água." Ela, nesse dia, ia procurar água. A mina rebentou quando tentou atravessar a rua. "Acontecia muito. Naquela época muita gente morreu. Havia tiros, minas, tudo de uma vez."

O ano de 92 é terrível para a família Úrica. Em Maio é Agusta que perde a perna, em Agosto é o pai que morre. Ainda vai perder dois dos seus cinco irmãos. Fica em casa, não consegue ir à escola. Passam-se três anos assim. Aos 16 anos deixa o Bié e vai para Luanda. "Tinha perdido a perna, o pai, os irmãos, não tinha mais vontade de viver lá." A ida para Luanda mudou muita coisa, conseguiu voltar a estudar, embora as tentativas de entrar para a faculdade para estudar Psicologia tenham falhado. Acabou por tirar um curso médio, Electricidade. Mas, mesmo sem o curso de Psicologia, hoje está ligada à área de que gosta. "Colaboro num centro infantil, trabalho com crianças órfãs e abandonadas", explica.

Entretanto, no Hospital Militar e com a ajuda de médicos portugueses, foi preparando a perna para receber uma prótese – que acabou por vir pôr a Portugal em 2000. "Com a prótese a minha vida melhorou muito, foi aí que eu conseguir acabar o curso médio." Mas já passaram oito anos, e a prótese foi-se gastando. "O pé já está estragado". Na quarta-feira ganhou uma prótese nova, parte do prémio do concurso de misses no qual inicialmente não queria participar.

Se em 92, de repente, a sua vida mudou para pior, esta semana mudou para melhor. "Não mudou completamente", diz, "mas mudou um pouco. Agora sou reconhecida, não só em Angola mas noutros países". E vai usar essa visibilidade e o dinheiro do prémio (cerca de 1600 euros, para além de um conjunto de electrodomésticos) para criar um projecto de ajuda a outras vítimas de minas. A ideia é "permitir que possam estudar, que façam cursos de informática, costureiras, ou outros".

Ideia de um norueguês

Tudo isto porque Morten Traavik, um artista norueguês, meteu na cabeça a ideia de fazer um concurso de beleza com vítimas de minas. Parecia improvável, mas tornou-se realidade. No site do Miss Landmine sucedem-se as fotografias das candidatas, faixas cruzadas sobre o peito, vestidos acetinados, grandes sorrisos, poses de estrelas, na praia, de fato-de-banho – mesmo sem uma perna, mesmo apoiadas em canadianas.

Numa entrevista ao jornal *Orato*, Traavik explica que foi em 2003, quando visitou Angola pela primeira vez, que teve a ideia. A guerra civil tinha terminado há relativamente pouco tempo e a quantidade de gente atingida pelas minas impressionou-o. Ao mesmo tempo ficou fascinado com um concurso de misses "que os miúdos da rua organizaram num beco" por detrás da casa do seu antigo sogro. Foi uma espécie de "festa de rua com todos os vizinhos a assistir" e as misses, com idades entre os sete e os 17 anos, a desfilar. Gostou muito do ambiente descontraído, e a ideia ficou.

O "emprego de sonho"

As dezoito províncias do país estão representadas pelas suas candidatas. Tragicamente não há falta de mulheres mutiladas em Angola, onde já depois de terminada a guerra civil as minas continuam a ser uma ameaça. Segundo as Nações Unidas, as minas que ficaram por explodir ainda provocam entre 300 e 400 vítimas todos os anos. E, apesar